

“Reduzir tensões sociais sem perder austeridade”

A íntegra do discurso de posse do novo presidente do Banco do Brasil, Lafaiete Coutinho Torres.

Declaro conhecer a dimensão representada pelo Banco do Brasil na história do meu país. E por quê? Pois a ninguém é lícito chegar a esta posição, que agora passo a ocupar, sem a consciência da luminosa trajetória do Banco do Brasil.

Afonso Arinos demonstrou, em obra clássica, como esta Casa resultou de uma necessidade nacional e até foi concebida, espontaneamente, no seio das classes produtoras, antes mesmo da iniciativa oficial. Esta intimidade do Banco do Brasil não vem do batismo, mas do instante seminal em que a Nação começa a se transformar em Estado.

Desde 12 de outubro de 1808, ano também da Abertura dos Portos, o Banco do Brasil luta para o Brasil ser mais Brasil. O Banco participa da Independência e consolida a unidade nacional; nele está um capítulo significativo do Brasil que se constitui politicamente.

E é este Banco que se confere grande responsabilidade em formatar o país do século XXI. É um banco que trafega por três centúrias, ao mesmo tempo.

Repito, chego aqui sabendo das responsabilidades que me tocam. Se, de um aparte, sou grato à oportunidade honrosa que me reservou a vida pública, de outra prometo não falar.

Apreendi, na lição bíblica, que a nobreza não está em ser servido, ao contrário, está em servir. Venho, portanto, para servir. Atenderei com tudo aquilo de que dispuser. Levarei a tarefa que me tocou no governo Collor aos limites máximos da condição humana.

Compreendo as dificuldades contemporâneas. Nasci sob a circunstância nordestina. Cresci e tornei-me adulto por lá. Sei o que é difícil. Meu sentimento de região não é uma barreira; é, diferentemente, uma base de compreensão com as outras regiões. Sou homem de província que repugna o provincianismo limitante e limitador.

Por isso, posso dizer que o pessimismo dos que tentam impingir ao Brasil a tragédia tem a rejeição do Presidente Fernando Collor. Logo, também a rejeição de todos que com ele trabalham pelo bem do Brasil.

O Ministro Marcílio Marques Moreira, em sua primeira entrevista à imprensa, afirmou que o combate à inflação exige a adoção de uma política de austeridade, mas que é preciso



Lafaiete Coutinho

manter vivos os instrumentos de ação social para atenuar os sacrifícios impostos ao país.

O Banco do Brasil, senhoras e senhores, pode cumprir exatamente o desejo político e econômico do senhor Ministro Marcílio Marques Moreira de reduzir as tensões sociais sem comprometer a política de austeridade econômica. Estou certo que o Banco do Brasil tem meios de gerar desenvolvimento, sem gerar inflação. Para mim, encontra-se no fomento à agricultura a chave para a equação entre a retomada do desenvolvimento sem inflação. O campo produz a fartura e combate a especulação.

As senhoras e os senhores sabem como o Banco do Brasil é importante na produção agrícola do país. Farei desta credencial a maior prioridade da minha administração. O Presidente Fernando Collor já colocou em disponibilidade, este ano, o equivalente a três bilhões de dólares para o crédito agrícola. Não é tudo que o Brasil precisa, porque lamentavelmente nem tudo que o Brasil precisa o Brasil pode.

O produtivo gerenciamento desses recursos vai depender da nossa capacidade e criatividade de transformar as escassas nos recursos necessários. A regra que adotarei será a de aplicar o dinheiro com critério, com justiça, multiplicando-o em disponibilidade. Estou certo que nunca o Banco do Brasil teve momento tão importante na economia do país. Estou convencido de que será a partir da terra, do interior, que retomaremos o crescimento do país. Através da agricultura, aliviaremos as pressões sociais nos grandes centros urbanos, estimularemos o setor industrial, sem afetar a política econômica do governo.

Esta Casa tem também papel importante como agente fomentador das exportações. Quero que o Banco seja as portas abertas do Brasil para o mercado mundial. E, olhando

para dentro do meu país, vejo o Banco do Brasil como estimulador do processo de modernização industrial. Creio que a implantação da nova política industrial do governo Collor dependerá muito da ação desta instituição. O Banco do Brasil exerceu papel histórico no processo da industrialização brasileira e desejo que, na minha administração, sua presença continue ainda mais marcante.

Estou consciente porém de que não podemos transformar programas setoriais do governo em fatores de desequilíbrio da política econômica. Creio, é possível combinar, com harmonia, o desenvolvimento de setores da economia sem desarrumar o projeto de governo. Para executar este objetivo a única maneira é trabalhar em equipe com o governo como um todo.

Um dos aspectos que mais me fascinam no governo Collor é a consistência e a coerência do seu programa de governo. Para mim, é motivo de orgulho e tarefa fascinante viver minha experiência de homem público no momento em que se revoluciona a concepção da administração pública. Assim, senhoras e senhores, posso confessar, para um homem que veio da iniciativa privada é surpreendente trabalhar numa administração com sensibilidade política.

Descobri no Parlamento um verdadeiro conselho de administração do bem público. Conheci nos deputados e senadores agentes sensíveis das inquietações, reivindicações e pressões da sociedade. Sem o Congresso Nacional, sem o aconselhamento dos parlamentares, o homem público isolado, transforma-se num autoritário dirigente de gabinete.

Por toda ajuda que me deram nos 14 meses na presidência da Caixa Econômica Federal, presto aqui minha homenagem aos políticos brasileiros. Estou certo que, em grande parte, eles são os responsáveis por tudo que pude realizar pelo meu país nestes últimos meses. Estendo esta homenagem também aos políticos de todos os partidos, de todas as tendências partidárias e ideológicas que, com suas críticas, fiscalização permanente e até agressividade oposicionista, me ajudaram a ser um administrador ainda mais atento, austero, humilde e humano.

As observações dos políticos me ajudaram muito na administração dos recursos públicos. Nunca, em nenhum momento à frente da Caixa, deixei de investigar denúncias, punir responsáveis, de corrigir erros. Por formação, sou um homem transparente e franco e

não concordo com o comportamento de quem compactua com desmandos apenas para preservar cargos.

Não acredito, senhoras e senhores, naqueles que silenciam, relegando os princípios de probidade para os tempos de ociosidade. Não creio também em homens que postergam a indignação. Ou se é, ou não se é honesto. Assim, sei que, ao longo da minha administração, posso contrariar interesses, mas não vacilarei em dizer não. Aqueles que me conhecem sabem que sei negar o inaceitável. A minha causa é a causa pública.

Estamos em época comemorativa de um dos documentos mais altos da história da humanidade, a “Encíclica Rerum Novarum”. Ainda não a realizamos completamente. Mesmo assim, também a nós brasileiros

ros deve estar reservado o esplendor de fazer coisas novas pela nossa gente, pela nossa terra.

O Banco do Brasil quer participar dessas coisas novas, não pelo gosto exótico da novidade e sim por reconhecer ter a seu cargo conjuntamente a herança do seu passado, os compromissos do hoje e as esperanças do amanhã.

O Banco do Brasil se oferece para as coisas novas de que a Nação carece. O Banco tem competência e tem serventia societária, na multivalência das suas tarefas, nas dimensões do humanismo e do desenvolvimento.

Foi para tanto que me chamou a atenção, na sua lucidez de todos tão conhecida, o ministro Marcílio Marques Moreira ao me dizer de como esperava a ação do Banco e,

igualmente, da Fundação Banco do Brasil, nos seus relevantes horizontes, nos planos da cultura, da ação social, da modernidade industrial.

“A Nação é o plebiscito de todos os dias”, alguém já disse. Pois aqui estaremos todos, dirigentes e funcionários, a serviço da Nação todos os dias, na busca de antever o tempo neste espaço administrativo de nossa responsabilidade.

De mim posso garantir: tenho as mãos estendidas ao encontro das mãos dos colegas do corpo diretivo, dos funcionários e dos clientes, pois o Presidente do Banco não veio para competir, mas para participar de caminhada de solidários.

Como o poeta falou do promontório de Sagres, permito-me repetir aqui, no Planalto Central:

“Naveguemos, mais se vê”